

Montes, de Morosoli: sujeito e discurso no sem-fronteiras de si mesmo

*Montes, de Morosoli:
sujeto y discurso en el sin fronteras de uno mismo*

Maria Thereza Veloso

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Frederico Westphalen – Rio Grande do Sul – Brasil

Resumo: Tendo um conto de Juan José Morosoli como materialidade significativa, apresenta-se aqui uma breve análise sobre como se estrutura e transita, no espaço simbolicamente possível de ser identificado como da tríplice fronteira brasileiro-argentino-uruguaia, o discurso constituído por uma formação discursiva crioula, resultante da confluência de duas memórias. Uma delas é ideologicamente identificada com a voz do europeu colonizador, enquanto a outra se articula na e pela voz de sujeitos nascidos na porção sul do continente americano. O objetivo é chamar a atenção para o processo de construção desse espaço discursivo e do discurso-espelho que o sustenta, articulado pelo ponto de encontro dessas duas memórias, em que ao fundo da própria imagem se desvela seu já-lá fundador. A fundamentação teórica para as reflexões aqui contidas vem da Análise do Discurso de filiação francesa.

Palavras-chave: Discurso e Sujeito discursivo. Memória. Identidade pessoal e social. Identidade discursiva.

Resumen: A partir de un cuento de Juan José Morosoli como materialidad significativa, se presenta aquí un breve análisis sobre la manera como se estructura e transita, en el espacio simbólicamente identificado como de la triple frontera brasileño-argentino-uruguaya, el discurso nacido de una formación discursiva crioula, resultado del acercamiento de dos memorias. Una de ellas es la ideológicamente identificada con la voz del europeo colonizador. La otra se articula en y por la voz de sujetos nacidos en la parte sur del continente americano. El objetivo es llamar la atención para el proceso de construcción de ese espacio discursivo y del discurso-espejo que lo sostiene, articulado por el encuentro de esas dos memorias, en las que al fondo de la propia imagen se desvela su ya-allá fundador. La fundamentación teórica de las reflexiones aquí arrolladas vienen del Análisis del Discurso de tradición francesa.

Palabras clave: Discurso y sujeto del discurso. Memoria. Identidad personal y social. Identidad discursiva.

1 Introdução

A região conhecida como *la pampa* entre falantes de espanhol e como *o pampa*, entre os falantes de português, é uma extensa planície localizada ao sul do continente americano. Como uma gigantesca península, seu território é compartilhado pelo Uruguai, sul da Argentina, do Chile e do Brasil, com área estimada em 4 290 283 km². Desde a chegada dos ibéricos e da miscigenação surgida do contato entre europeus e autóctones, um novo tipo humano surge nessa região, expande-se e acaba por se constituir em um povo singular não apenas na aparência física, também nos hábitos e atitudes, moldados que são em harmonia com a imensidão característica do espaço geográfico. Nas zonas rurais, ainda hoje são extensos os prados, os bosques, as distâncias entre uma habitação humana e outra. Um horizonte que se funde com a terra compõe o todo que se desdobra ao olhar.

É nesse enclave, aqui definido como espaço discursivo fundador, que se ambienta este artigo. Misturando a imponência da natureza, a um só tempo bela e rude, com o ímpeto pela vida humana, que (re)nasce sempre sequiosa por mais espaço por onde enveredar na sua constante afirmação de liberdade, *la pampa* tem *el gaucho* como expressão máxima. Pela condição de povoador errante e, às vezes, errático, com que *el gaucho* é tradicional e simbolicamente reconhecido nesse espaço sócio-geográfico, ele é o sujeito do discurso singular que ultrapassa as fronteiras e marcos geopolíticos de uma região que já intercambiou usos e costumes e sedimentou uma identidade discursiva diferenciada daquela das diferentes nações por onde se estende *o/la pampa*.

Tendo por diretriz teórica o luzeiro da Análise do Discurso de tradição francesa (daqui em diante simplesmente AD), analisam-se nestas páginas Sequências Discursivas de Referência (SDRs a partir de agora) retiradas do conto *Un gaucho*, obra de Juan José Morosoli (1899-1957), escritor uruguaio, profundo observador de seres e paisagens de seu país natal e autor de uma literatura em que deixa

transparecer o compromisso social que possuía com seu tempo e com seus contemporâneos, trabalhadores que encontravam nas difíceis lides rurais a forma, única e lídima, de sobrevivência pessoal e familiar.

Trabalha-se aqui mais precisamente com o espaço-memória, recuperado pelo discurso, e não raro pelo discurso da não-palavra, saliente-se, das personagens identificadas nominalmente pelo autor como sendo Montes, Anchorena, Martina, Gómez, Morales, Paula, Bentos, Borges e um jovem não nominado, cada uma dessas personagens ajudando a articular discursivamente o discurso literário objeto desta análise.

2 Os primórdios foram assim

À data de 12 de outubro de 1492 remontam os passos iniciais da conquista do território que veio a ser posteriormente chamado de América Espanhola. Era o século XV. No primeiro retorno do descobridor após a viagem da descoberta, já em 1493, por solicitação dos reis católicos Fernando e Isabel, o Papa de então, Alexandre VI, que era espanhol, pela bula *Inter Caetera*, dividia o mundo conhecido entre as coroas portuguesa e castelhana. Para fins de evangelização, a esta passaram a pertencer todas as terras firmes e ilhas localizadas a oeste de uma linha traçada de um pólo a outro, linha ideal de 450 léguas, a oeste das ilhas de Cabo Verde, que se acrescentou posteriormente à existência da bula papal, como resultado do acordo entre as monarquias de Portugal e Castela, oficializado pelo Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494. Pelo mesmo Tratado, as terras descobertas, ou a descobrir, a leste dessa linha pertenceriam à Coroa de Portugal, o que explica a localização do Brasil, descoberto oito anos após a chegada de Colombo ao Continente, como pertencente ao domínio português. Importa lembrar esse fato na medida em que é ilustrativo dos vínculos originários, tanto da América Portuguesa, representada pelo Brasil, quanto da América Espanhola, constituída pelos quatro Vice-Reinos e quatro Capitanias-Gerais que dariam existência

posterior, pela autonomia político-administrativa, às atuais dezenove nações de língua espanhola existentes no Continente.

O que acontece na América, com a conquista e posse de tudo e todos existentes a oeste da Linha de Tordesilhas pelos espanhóis, revive no Novo Mundo um feito já conhecido pelos que chegam de além-mar – a Reconquista, denominação ampla para os movimentos bélicos, de matiz ideológico-religioso, encetados pelos cristãos contra os árabes muçulmanos que, por séculos, sedimentaram sua presença religiosa e cultural na Península Ibérica.

O citado é, em linhas gerais e resumidas, o aspecto discursivo-histórico-administrativo da conquista americana que, sob o prisma da AD, adquire uma outra dimensão. Abarca também o silêncio do não-dito, o silêncio constitutivo que, na definição de Orlandi (2008, p. 57), é “a parte do sentido que necessariamente se sacrifica, se apaga, ao se dizer. Toda fala silencia necessariamente”.

À guisa de reflexão necessária por ilustrativa, é oportuno lembrar aqui as três espécies de silêncio distinguidas pela pesquisadora citada - o silêncio fundador, o silêncio constitutivo e o silêncio total. Os três são silêncios que significam. Portanto, sendo o silêncio uma voz que fala no ambiente em que é produzida, ele é no discurso fundante. Está, pois, no cerne discursivo de toda comunidade de fala.

Para fins deste estudo, portanto, o silêncio significativo fundador está no discurso que explode no continente nos tempos coloniais portando ecos do interdiscurso europeu. Mesclado ao discurso do/de *la Pampa*, esse discurso surgente provocará o acontecimento discursivo que se traduz em outra fala – a fala *del gaucho*, que se exprimirá literariamente na que veio a ser denominada poesia *gauchesca*, a primitiva poesia dos *payadores* rurais do final dos séculos XVIII e XIX, definida por Loprete como *natural, espontânea e inculta* (1998, p. 185).

Não só pela poesia, no entanto, esse acontecimento discursivo tomou vida formal. Escritores e autores, cultos alguns, autodidatas outros, deram vida a obras em prosa sobre temas rurais seja na língua *gauchesca* integralmente, como

Benito Lynch, ou mesclando-a com a língua culta, caso de Ricardo Güiraldes, que reproduz o discurso direto entre personagens usando a fala *gauchesca*, ou como Enrique Larreta, que escreve somente na variante culta. Uns e outros registram o perfil da personagem-símbolo do Pampa, o *gaúcho*, ou *el gaucho*, em ambos os lados do Rio Uruguai.

3 O gaúcho, *el gaucho*: que sujeito discursivo é este?

Protagonistas nas obras da literatura *gauchesca*, *gaúchos* e *gauchos* são, antes de mais nada, sujeitos discursivos plenamente identificados com uma Formação Discursiva (FD) singular, a *gauchesca*. Como ambos, os que vivem hoje às margens do rio Uruguai ou os que vivem próximos do Mar del Plata e possuem os contrafortes dos Andes como moldura seca da planície em que habitam, têm na atividade pastoril e agrícola a fonte que lhes dá sustentação econômica e lhes garante sobrevivência e dignidade, é de fácil compreensão que tenham com a terra em grande extensões sua identificação maior, servindo-lhes de tradução do espírito libertário que os sustenta. Não foi assim, no entanto, no início. Descrevendo esse sujeito discursivo ainda dos tempos coloniais, Loprete explica:

Acerca de este ejemplar social y humano, y de su papel histórico y su psicología, se ha debatido bastante, y se han escrito numerosas obras de distinto tono. Sarmiento, por ejemplo, tuvo un concepto subalterno del gaucho en la evolución del país hacia el progreso, mientras que Hernández lo considera un actor heroico y principal, injustificadamente perseguido. (1998, p. 187.)

Quando teria de fato surgido esse tipo humano na região banhada pela Bacia do Rio da Prata? O mesmo Loprete tem considerações a esse respeito ao afirmar que

Con respecto a la aparición del gaucho en el Río de Plata, hay también discrepancias: según algunos estudiosos (Carlos Alberto Leumann), los gauchos comienzan a existir recién en el siglo XVIII, cuando en virtud de ciertas ordenanzas del gobierno, los hombres libres y pobres optan por ir a vivir al campo,

en una existencia nómada y transhumante, renunciando a la propiedad, a la vida ordenada al hogar, al amor permanente. Son por eso pastores antes que agricultores, viven en la pobreza sin afincarse por intereses al suelo, tienen tropilla y a veces ovejas, y cuando la necesidad los acucia, se contratan para empleos transitorios, “arrimados” en las estancias. Casi todos ellos son criollos, y muy pocos mestizos. (1998, p. 188.)

Vê-se, pela explicação de Loprete, que a denominação de gaúcho/*gaucho* hoje generalizadamente atribuída aos nascidos na região do/de *la* Pampa sul-americano/a nos primórdios da civilização ibero-americana remetia a uma FD que foi, ao longo do tempo e como decorrência da característica de porosidade que lhe é constitutivamente própria, absorvendo influências de outras FDs. Mantém-se hoje como um ditame incontestável a ideia de que o discurso da liberdade é fato incontestado, conceito e sentimento indissociáveis desse sujeito, e, como tal, constituindo-se na forma-sujeito prevalente no perfil discursivo da região, independente de o sujeito ter ou não nascido no meio rural ou urbano.

Entretanto, quando se alude ao perfil discursivo da FD *gauchesca*, o que não se mantém na atualidade é a dissociabilidade do binômio liberdade-propriedade, antes existente. Hoje as duas realidades compartilham o mesmo espaço significativo, embora, como recorda Zanotelli (1993), essa aparentemente pacífica convivência apresente de fato uma contradição: “A liberdade, a igualdade, a fraternidade só são defensáveis no liberalismo, conquanto fiquem no campo meramente formal, jurídico, abstração feita da realidade concreta do homem e dos homens” (1999, p. 13), escreveu. Essa, conforme o autor, é uma condição que implica a negação da liberdade e também a afirmação da propriedade como um critério “exclusivo e excludente. Ainda mais, a liberdade, a igualdade, a fraternidade, constituir-se-ão no biombo encobridor, na ideologia mascaradora da desigualdade social e econômica”. (p. 14.)

Percebe-se, à luz da teoria que fundamenta estas considerações, o quanto é perspicaz a apreciação de Zanotelli sobre o papel desempenhado

pela formação ideológica na definição do sujeito discursivo *gaucho*, na perspectiva das relações deste com a exterioridade que lhe é determinante.

Lembrada por Galeano em *Las venas abiertas de América latina*, vilipendiadora e paulatinamente construída desde os tempos coloniais, a desigualdade social e econômica está no alicerce sedimentador dos grotões do continente, espécie de espelho discursivo identitário fiel do habitante dessa América profunda. O gaúcho/*el gaucho* de Juan José Morosoli é exemplar como representante dessa realidade renitente e atemporal, encoberta pelo biombo que sobre ela historicamente têm estendido os donos do poder real.

4 Mi pago es donde yo ando

Tomado por arquivo o conto *Un gaucho*, analisa-se o processo discursivo que plasma o espaço social-geográfico e cultural da tríplice fronteira constituída por Brasil, Argentina e Uruguai, no extremo sul da América. Para situar o *já-dito* que sustenta a explicação identitária de Montes, personagem central do conto, faz-se necessário remontar aos períodos imediatamente posteriores às revoluções do período neolítico, respectivamente a da pecuária (18.000 a.C.), da agricultura (12.000 a.C.), da cerâmica (6.000 a.C.), e dos metais (cobre, bronze...), tal como explica Zanotelli na obra já citada (p. 28). É oportuno também recordar, com o mesmo autor e na mesma página mencionada, “a lenta expansão da exterioridade semita que, conforme E. Dussel, em *Método*, p. 222, irá fazendo-se sujeito da história mundial”. Esse item será o terceiro numa sequência progressiva da história das civilizações como macrossistemas instrumentais. O primeiro teria sido o da organização das seis primeiras totalidades civilizadas (Alta Cultura Mesopotâmica, Egípcia, Civilização do Vale do Rio Indo, Civilização do Rio Amarelo, Cultura Maio-Azteca e o Império Inca) e, o segundo, o período da irrupção da exterioridade nômade e invasora dos indo-europeus.

Zanotelli refere ainda (p. 28-9) as referências geográficas da procedência dos inventores de

“sistemas de instrumentos, símbolos, instituições denominadas de alta cultura”, estas as mencionadas no parágrafo anterior. Tais referências geográficas remetem aos maiores cursos d’água do planeta, propiciadores da agricultura – rios Tigre e Eufrates, Nilo, Indo e Ganges, Amarelo e, na América, os lagos Textoco e Titicaca.

Para entender ainda melhor a errância atávica da personagem de Morosoli, apresenta-se, no destaque a seguir, como viam a terra as civilizações de ‘alta cultura’ aqui mencionadas:

A terra, identificada como a mãe, ou irmã, não é objeto de propriedade (especialmente a propriedade identificada com o *jus utendi et abutendi* – o direito de usar e abusar – que lhe atribuirão os romanos indo-europeus). Da terra se tem o uso comum de um povo e suas glebas são possuídas em rodízio, evitando que uma família possua sempre a pior e outra a melhor parte. A posse e não a propriedade é a forma originária pela qual o homem organiza suas relações com o mundo e com os outros homens. Por ela o homem busca satisfazer suas necessidades. Necessidade não só de alimentos, abrigo, segurança, mas também de energia vital que dê sentido à vida e ao viver. A posse se liga diretamente à necessidade e ao uso. A propriedade não se vincula à necessidade e ao uso, mas, ao excedente pelo excedente, e, nos tempos modernos, ela está completamente desvinculada da necessidade e do uso. (ZANOTELLI, 1999, p. 30.)

Essa noção inicial da propriedade da terra, desvinculada da necessidade e do uso, mas ligada à noção do acúmulo, do improdutivo ter por ter, está no *já-dito* estruturador do discurso na região do/de la Pampa, quer do ponto de vista do gaúcho/*gaucho* nômade, indo de fazenda em fazenda, quer do proprietário das glebas, pequenas, médias ou extensas, estas quase sempre prevalentes em relação às demais e, por isso mesmo, marcos fundantes dos grandes latifúndios que ainda dominam as zonas rurais na América Latina.

- *Mi pago es donde yo ando* (SDR 1) é a resposta de Montes, jovem carreiro de apenas vinte anos, ao vendeiro vasco Anchorena. A presença daquele jovem forte, bom moço, calado e de bonita aparência física, tal como descrito por Morosoli, causa estranheza ao vendeiro: – *¿De dónde sos?*,

pergunta-lhe Anchorena, com sua franqueza de vasco, instado que fora pelo recém-vindo que chegava sabendo de antemão que poderia obter ali um quefazer: - *Sé que murió su carrero viejo y vengo por si me precisa*. Percebe-se com nitidez na construção da fala com que Montes se apresenta ao vendeiro o controle da situação discursiva que se estabelece a partir da posição-sujeito que o recém-chegado assume diante do interlocutor que o recebe. *Sé que murió su carrero*, afirma Montes. O verbo saber, utilizado na primeira pessoa do singular do Modo Indicativo (o modo das assertivas, lembre-se), retira do diálogo qualquer indício de dúvida possível. Demonstra conhecimento prático de um acontecimento real e irretorquível, o da morte do carreiro anterior por velhice, fato que, *per se*, exclui qualquer possibilidade de dúvida ou engano.

De onde viria Montes? Franqueza por franqueza, as respostas do *gaucho* juntaram-se às perguntas do espanhol: - *De Puntas de Pan de Azúcar. – Y en tu pago no tenían trabajo? – Mi pago es donde yo ando*. Vislumbra-se aqui, quer nas perguntas, quer nas respostas, a par do dito, a historicidade discursiva que vaza pela escolha aspectual dos tempos em que estão sendo flexionados os verbos *ser* e *ter*. Usado no tempo presente, o verbo *ser* (*es* [ele, o lugar])

indica ao mesmo tempo o início e o fim de um processo temporal; já o verbo *ter* (*tenían* [os moradores, o grupamento humano de que Montes era originário]), empregado no passado, apresenta-se em um processo imperfeito, em curso, sem que se lhe possa atribuir um aspecto conclusivo, posição confirmada semanticamente pela interrogação com que o sujeito discursivo Anchorena se dirige ao recém-chegado.

Também o silêncio constitutivo está presente na SDR *Mi pago es donde yo ando*. A explicação *es donde yo ando* permite um deslizamento semântico-discursivo determinado pelo contexto presente no interior do discurso. Esse *andar*, empregado no tempo presente, tem o valor aspectual de uma continuidade iniciada anteriormente ao instante da fala e que irá perdurar para além do momento de

interlocução entre os sujeitos. Essa noção de atemporalidade, silenciada na superfície do discurso, está contextualizada no interior do enunciado e só neste pode ser “ouvida” e permitir que se exteriorize o sentido de simultaneidade temporal entre o passado, o presente e o futuro contido na SDR.

5 Querência *versus* nomadismo

Se confrontado o sujeito discursivo Montes que chega ao armazém de Anchorena como protótipo do gaúcho/*gaucho* dos tempos coloniais, avesso às regras e à estabilidade entendida como aderência natural ao chão de origem, com o sujeito discursivo Montes que acaba permanecendo por mais de um ano trabalhando para Anchorena na casa deste e engravidando de uma menina a Martina, peona da casa, torna-se compreensível a predestinação de Montes para o usufruto da liberdade pela liberdade, sua aversão natural a quaisquer laços afetivos que possam subjugar-lo e negar-lhe a identidade construída solitariamente, sem amarras, fazendo-o dono e senhor apenas de si mesmo e de seu destino.

Não por acaso, o narrador descreve a reação a que chegou o vasco Anchorena em relação ao *gaucho* Montes, após um ano e pouco mais de convivência com ele: *Después se convenció que Montes había cambiado de pago porque sí. Y que cualquier día levantaba el poncho otra vez. Era un buen carrero, pero no tenía alma de carrero* (SDR2.). O que se pode ler nesse *porque sí* é a tácita concordância do vendeiro do armazém com o modo de ser de Montes, o carreiro que, entretanto, mesmo sendo de boa índole e competente no que se dispusera fazer, não nascera para aquilo. Outra vez, a voz do narrador informa: *Estuvo allí poco más de un año. Hasta el día en que Martina dio a luz una niña. Martina era la peona de la casa [...] Una mujer así puede tener un hijo y el hijo ser de ella nada más. Al irse, Montes, le dio la paternidad a la hija de Martina* (SDR3.). Outra vez o chamado do Outro prepondera sobre a voz do outro. Montes parte. Sua partida, no entanto não se traduz como uma fuga à responsabilidade frente à Martina.

Essa constatação revela outro traço constitutivo do sujeito discursivo Montes e da Formação Discursiva a que pertence. O *gaucho* que se identifica com a liberdade, a coragem e a aventura é também aquele que honra a palavra dita, responde por seus atos e firma compromissos empenhando o fio do próprio bigode. Ao partir, Montes reconhece a paternidade da filha de Martina, dá-lhe seu sobrenome e, com esse gesto, sela, a seu modo, o compromisso com mãe e filha.

A vida errante de Montes recomeçara e nos mesmos moldes de antes, como se observa na seguinte SDR:

Mucho tiempo después se supo que estaba en el Chuy, allí cerca del almacén del turco Gómez. Morales encontró la carreta. Llegó al negocio y preguntó por Montes.

- Trabajaba aquí – contestó el turco -. Un día dejó la carreta, cruzó la frontera y no vino más.

- ¿No será muerto?, - interrogó Morales.

El turco sonrió y respondió:

- Tal vez esté de contrabandista... Pero no aquí... Mucho más arriba.

Estaba en Piedras Negras, diez o doce leguas más arriba del desagüe del Chuy, tras la frontera. Con rancho y mujer. [...]

Allí tuvo querencia tres o cuatro años. Rico un mes, pobre dos. Hacía vida con la Bahiana Paula, que no le aflojaba en nada. Era una vida brutalmente linda o extremadamente peligrosa, sin término medio.

Cuando Montes realizaba tres o cuatro “pasadas” de contrabando por cuenta de otros que no querían exponer la vida, volvía al rancho, platado y ansioso de caricias. [...]

Cuando él empezaba a faltar del rancho buscando “pasadas”, la mujer, que era celosa, barullenta y boca sucia, comenzaba a exasperarse.

Montes le contestaba con el silencio hasta que la mujer se hacía insoportable. Entonces le daba una buena “untada de lomo” y partía. (SDR 4.)

A personalidade independente e machista de Montes se traduzia assim. Habitante nômade do/de la Pampa, em cada ponto de chegada buscava alguma atividade que, sem aprisioná-lo, assegurasse o sustento e a partilha temporária da própria vida com uma mulher forte, que lhe garantisse carícias ardentes na mesma proporção que lhe dispensasse cuidados próprios de uma companheira fiel, mesmo que ciumenta, desde que soubesse aquietar-se depois de uma surra. Desapegado dos bens materiais

(*Rico un mes, pobre dos*, conforme SDR4) , era-lhe indiferente amearhar dinheiro, desde que pudesse dar vazão ao desejo de liberdade no contato com a natureza e seu entorno, como se dela fizesse parte e ele próprio se bastasse desde que a ela integrado.

Levando a vida com limites geográficos, sociais e emocionais variáveis (*Cuando Montes realizaba tres o cuatro “pasadas” de contrabando por cuenta de otros que no querían exponer la vida* , conforme a SDR nomeada), Montes atravessa o Rio Uruguai de uma a outra margem. Sua querência é onde ele está, onde tem um abrigo, um ganha-pão e uma mulher, sinônimo de afeto independentemente de quanto esse afeto perdure. É assim que, dez anos depois de haver abandonado Chuy, transpõe o limite hídrico que separa seu país, o Uruguai, do vizinho Brasil, entrando em território brasileiro pela fronteira Aceguá, ainda hoje um pequenino povoado a apenas 60 quilômetros de Bagé-RS.

A presença das fronteiras hídricas, portanto, a um tempo contribuindo para a fertilidade do solo e também para o transporte de andarilhos para destinos incertos onde jogam o baralho da sorte e duelam com a morte que os espreita a cada “passada”, estabelece o fio do discurso entre espaços e práticas discursivas que atravessam séculos e se confirmam no presente durativo de uma contemporaneidade iniciada nos primórdios civilizacionais do planeta, tal como visto nas páginas anteriores. No caso de Montes, será a bacia do Rio da Prata, com o Rio Uruguai servindo-lhe de via natural, que reatará seu destino *gaucho*, libertário, ao destino dos primeiros nômades que deram curso à história milenar da humanidade tal como discursivizada nas práticas identitárias cotidianas que nos trouxeram até aqui.

6 Considerações finais: Outro sobre o outro

Foram múltiplas as referências feitas neste texto sobre a Formação Discursiva *gauchesca* e seu protótipo – o sujeito discursivo que o espaço discursivo-geográfico conhecido além fronteiras como o/la Pampa reconhece identitariamente como o gaúcho/el *gaucho*. Sem ser homogênea, a FD

gauchesca, já naturalizada e identificada simbolicamente com a realidade sócio-histórica do extremo sul do continente americano, prossegue se traduzindo discursivamente como supranacional. Há em cada país deste território sul- americano um outro sujeito discursivo que é, simultaneamente, o mesmo, interpelado que é pela mesma ideologia singular que se (re)configura permanentemente.

Essa é uma realidade que se explica pela heterogeneidade discursiva, pelo fio do interdiscurso estabelecendo relações com outros discursos e deles recebendo/sofrendo interferências em seu sentido, dando existência ao intradiscurso constituído a partir da realidade constitutiva do/de la pampa, vivida pelo sujeito discursivo que nela se identifica imaginariamente como gaúcho/*gaucho*.

Ganha relevo nestas considerações finais asseverar que não existe avaliação melhor ou pior em AD. Há, antes, o olhar metucioso do estudioso para/sobre a teoria e sua aplicação. Considere-se que não raras vezes vê-se como possível à AD apresentar uma interpretação melhor porque baseada em instrumentos de leitura mais eficientes. Na verdade, a AD vê o discurso como um objeto teórico em que se pode avaliar relacionamente o dizer e as condições em que surge esse dizer. Foi essa a intenção deste trabalho.

Referências

ACHARD, Pierre *et al. Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SDP: Pontes, 1999.

COURTINE, J-J; HAROCHE, C. O homem perscrutado: semiologia e antropologia política da expressão e da fisionomia do século XVII ao século XIX. *In: ORLANDI, Eni et al. Sujeito e texto*. São Paulo: EDUSC. p. 37-60. (Série Cadernos PUC).

FINK, Bruce. *O sujeito laciano: entre a linguagem e o gozo*. Trad. Maria de Lourdes Duarte Sette. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). *Memória e história na/da Análise do Discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de linguística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAHN-LOT, Marianne. *A conquista da América espanhola*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1990.

MOROSOLI, Juan José. *Un gaucho*. Disponível em: <https://es.wikisource.org/wiki/Un_gaucho>. Acesso em: 01 nov/2015

ORLANDI, Eni P. *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

_____. *Terra à vista - Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso: textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

_____. *O discurso, estrutura ou acontecimento?* 5. ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: 2008.

ZANOTELLI, Jandir João. *Raízes da América Latina*. 2. ed. Pelotas, RS: EDUCAP, 1999.

ŽIŽEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.